

USO RACIONAL DOS CONTRACEPTIVOS ORAIS: AVALIAÇÃO DAS INTERAÇÕES E EFEITOS ADVERSOS

Joelma Pina – (Prof^ª-UNIFAN/ICS)

joelmapina@gmail.com

Douglas Araújo da Silva, Luis Franco de Lima (Acadêmicos de Farmácia)

Douglas-silva-tl@hotmail.com, luisfranco1809@hotmail.com

Faculdade Alfredo Nasser – ICS/Instituto de Ciências da Saúde

Palavras-chave: Contraceptivos orais. Interações medicamentosas. Efeitos adversos.

INTRODUÇÃO

Os Contraceptivos orais (COs) são hormônios esteroidais que podem ser utilizados isoladamente ou até mesmo associados a outro hormônio esteroidal com o intuito de evitar a ovulação e posteriormente a concepção, ou seja, esse fato ocorre quando um espermatozóide fertiliza um óvulo. São divididos em dois grupos, os combinados e os isolados, sendo que o primeiro grupo é composto por estrogênio e progestogênio, já o segundo apresenta apenas o progestogênio (PACHECO et al., 2011).

Os COs surgiram em 1951, quando então conseguiram isolar esteroides a partir de raízes de inhame Mexicano, com a função de evitar a concepção (MATTOS, 2012).

O uso dos COs após o seu lançamento no mercado foi de grande relevância para população, pois o consentimento da sociedade sobre sexo era apenas para reprodução, com as pílulas anticoncepcionais, essa ideia foi totalmente reformulada e proporcionando aos casais o poder de escolha quanto ao uso do método (LION, 2006).

Hoje, com a entrada mais frequente da mulher no mercado de trabalho, impõe-se a ela sérios fatores que ocasionam o estresse e alguns tipos de vícios como, o uso de tabaco, álcool e vários outros fármacos que interferem completamente no funcionamento dos contraceptivos (LION, 2006).

A relevância do tema é indispensável para estabelecer melhores critérios de utilização dos contraceptivos pela população. O uso irracional destes fármacos na posologia e na dosagem, principalmente entre as usuárias adolescentes e jovens podem ocasionar sérios problemas como doenças coronarianas, malformações fetais e gravidez não planejada. Além do desconhecimento das inúmeras substâncias capazes de interferir na ação dos COs, como antimicrobianos, anticonvulsivantes, antifúngicos, tabaco, álcool, alguns fitoterápicos e alimentação.

O objetivo desse trabalho é discutir os vários tipos de COs, mostrando seus riscos/benefícios, possíveis interações com outros fármacos e detalhando efeitos adversos causados por reposição hormonal oral.

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando-se como descritor: contraceptivos orais, interações, efeitos adversos, nos indexadores SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Foram pesquisados 74 trabalhos, sendo aproveitadas 50 pesquisas científicas de diversas revistas, livros e teses de mestrado no período de 2000 a 2014, em língua portuguesa e inglesa. Como critérios de seleção foram considerados as pesquisas científicas com dados bibliográficos que abordem os contraceptivos orais, suas possíveis interações e efeitos adversos e outras informações específicas correlacionadas ao assunto. Em seguida, foi feita uma leitura analítica para ordenar as informações e identificar o objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma ampla revisão bibliográfica foi possível identificar que a margem de eficácia dos contraceptivos orais de baixa dosagem, tem sido mudada bastante em relação aos primeiros fármacos lançados no mercado, embora os riscos sejam parecidos.

Portanto o médico para fazer uma boa escolha do contraceptivo oral deve levar em consideração todas as possíveis interações, avaliando o risco/benefício para com a usuária, visando um tratamento adequado e de grande importância para a mulher. Dando preferência aos anticoncepcionais orais que possuem quantidades menores de estrogênio, capazes de manter o efeito.

Quanto aos contraceptivos de emergência é importante ressaltar que eles contribuem para evitar a concepção nos seguintes casos: rompimento do preservativo e esquecimento da ingestão da pílula tradicional ou estupros, salientando que o uso não deve ser frequente.

Portanto é de total relevância que os profissionais farmacêuticos estejam atualizados para orientar sobre o armazenamento e a dispensação, aumentando a acessibilidade à informação e promovendo o uso racional dos contraceptivos orais.

REFERÊNCIAS

LION, A, E, V. **Tabagismo e saúde feminina**. Aliança de controle do tabagismo, Rio de Janeiro/RJ. 2006. Disponível em:

<http://actbr.org.br/uploads/conteudo/213_TABAGISMO_E-SAUDE_FEMININA_FINAL.pdf> . Acesso em: 24 de abril 2014.

MATTOS, J.M.; PETERMANN, M.Z.; ROSSI, A.V. **Pílulas anticoncepcionais**.

Universidade Estadual de Campinas. 2012. Disponível em:

<<http://gpquae.iqm.unicamp.br/textos/T2.pdf>>. Acesso em: 13 de setembro de 2013.

PACHECO, A. et al. **Consenso sobre contracepção**. Reunião de consenso nacional sobre contracepção. 2011. Disponível em:

<http://www.spdc.pt/files/publicacoes/11_11363_2.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2014.

RANIERI, C, M.; SILVA, F, R. **Atenção farmacêutica no uso de métodos contraceptivos**, Londrina. 2011. Disponível em:

<<http://web.unifil.br/pergamum/vinculos/000003/000003F7.pdf>>. Acessado em: 18 de março de 2014.